



Espaço de luta e resistência: uma breve análise do uso território na Comunidade Quilombola Muquém de União dos Palmares/AL

Space of struggle and resistance: a brief analysis of the use of territory in the Community Quilombola Muquém of União dos Palmares/AL

Página | 283

Maria Camila Nunes da Silva⁽¹⁾; Reynaldo Daivyd Lopes da Silva⁽²⁾;
Maria Sonia Moura dos Santos⁽²⁾; Claudionor de Oliveira Silva⁽³⁾

⁽¹⁾Graduanda em geografia da Universidade Estadual de Alagoas Campus V; União dos Palmares, AL; camila.muquem@hotmail.com;

⁽²⁾Graduandos em geografia da Universidade Estadual de Alagoas Campus V União dos Palmares, AL; reynaldodaivyd@hotmail.com; m.soniamoura@hotmail.com;

⁽³⁾Doutorando em ambiente e Desenvolvimento, Universidade do Vale do Taquari-UNIVATES. Bolsista Capes; geografia.gestao@hotmail.com.

Todo o conteúdo expresso neste artigo é de inteira responsabilidade dos seus autores.

Recebido em: 30 de novembro de 2017; Aceito em: 30 de abril de 2018; publicado em 02 de 09 de 2018. Copyright© Autor, 2018.

RESUMO: No período em que as transformações alteram os elementos e dinâmicas do território existem uma fundamental importância da compreensão cultura quilombola e sua formação territorial. O objetivo do trabalho foi analisar as organizações que envolvem as desigualdades socioeconômicas e as disputas territoriais. A Metodologia está estruturada por estudos bibliográficos com o suporte teórico de ARAÚJO (2000) e RIBEIRO (2005) para a coleta de dados foi realizado estudos empíricos por meio de pesquisa de campo para observação do objeto estudado. Também foi realizada uma entrevista com um morador antigo, para melhor detalhamento da formação da comunidade quilombola Muquém. Os resultados revelam que essa comunidade passa por problemas de preservação da cultura, porém ainda existem alguns artesões que ainda resistem e produzem o artesanato. Concluímos que a formação territorial da comunidade quilombola Muquém, originou-se de forma desigual e que a falta de incentivos e rentabilidade provoca um processo de desistência e resistência, porém existindo a possibilidade de ser revertido.

PALAVRAS-CHAVE: Território, economia, cultura.

ABSTRACT: In the period in which the transformations alter the elements and dynamics of the territory there is a fundamental importance of the understanding quilombola culture and its territorial formation. The objective of this study was to analyze the organizations that involve socioeconomic inequalities and territorial disputes. The methodology is structured by bibliographic studies with the theoretical support of ARAÚJO (2000) and RIBEIRO (2005) for the data collection. Empirical studies were carried out through field research to observe the object studied. An interview with an elderly resident was also carried out, to better detail the formation of the quilombola community Muquém. The results reveal that this community has problems of preservation of the culture, however there are still some artisans who still resist and produce the crafts. We conclude that the territorial formation of the quilombola Muquém community originated in an unequal way and that the lack of incentives and profitability causes a process of quitting and resistance, but with the possibility of being reversed.

KEYWORD: Territory, economy, culture.

INTRODUÇÃO

A comunidade Quilombola Muquém, localiza-se a 5 km do centro de União dos Palmares, sua fronteira delimita-se ao norte com a fazenda Mundaú e Barro Branco, ao sul com a fazenda Sementeira, ao leste com a fazenda Jurema e ao oeste com a fazenda Santo Antônio da Lavagem. Existe uma importância significativa da necessidade de compreender os processos formadores do território quilombola, onde a resistência e as transformações se confrontam. Essa comunidade possui características e organizações territoriais passadas de geração a geração voltadas para agricultura, à cultura do barro e do artesanato.

Falar em cultura é procurar identificar a expressão de um estilo, de um modo de viver e de fazer. Percorrer os caminhos da identidade é procurar saber quem somos e por que somos. É necessário descobrir como construímos nossas identidades. Isso se faz somando traços peculiares de um povo em contraste com outros. (ARAUJO, 2000, p. 32).

A desigualdade se apresenta como fator predominante no processo de formação da comunidade remanescente do quilombo Muquém, diante dessa realidade as transformações modificam as dinâmicas territoriais e os costumes relacionados à tradição. Esse processo transformador foi intensificado pela falta de incentivo do governo em relação à cultura negra. Nesse sentido, como consequência desse processo houve a redução do número de artesãos.

PROCEDIMENTO METODOLÓGICO

A Metodologia se caracteriza por estudos bibliográficos com suporte teórico de ARAÚJO (2000) e RIBEIRO (2005) a coleta de dados foi feita por meio de estudos empíricos através de uma pesquisa em campo para observação do objeto estudado, bem como os elementos que o compõem. Foi realizada uma entrevista com um morador antigo conhecido, sobre a formação do território da comunidade quilombola Muquém e a redução do perímetro ocupado com o intuito de melhor detalhamento das dinâmicas territoriais e demais conflitos que cercam este lugar.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A territorialização do quilombo Muquém

A comunidade remanescente quilombola Muquém (figura 1) foi formada por meio do declínio do quilombo dos palmares, a quem o quilombo do Muquém fazia parte. Conseqüentemente, o território sofreu uma reterritorialização pelos latifundiários, com arrendamento de terras. Por meio da emancipação política de Alagoas ocorreu a cobrança de impostos, para os portadores de terras que se endividaram ocasionando o leilão do lote. Conforme a entrevista, o comprador do lote é desconhecido pela comunidade, o mesmo doou os 189 hectares para o patriarca da comunidade que estava instalado no território.

Figura 1: Entrada da Comunidade quilombola Muquém.



Fonte: autores (2017).

Com o passar tempo o território do Muquém sofreu uma redução do perímetro por causa das novas divisões e reformulações territoriais. Com a forte presença da desigualdade social e o difícil acesso a educação, ocorreu desapropriação de parte das terras, por falta de conhecimento dos moradores e forças políticas que reorganizaram fronteiras, restando atualmente 126 hectares. Nessa perspectiva, existe a necessidade de compreensão da “multiplicidade de formas de apropriação do território que tensamente coexistem num determinado tempo e num determinado lugar.” (RIBEIRO, 2005, p.94)

O espaço deve ser considerado como um conjunto de relações realizadas através de funções e de forma que se apresentam como testemunho de uma história escrita por processos do passado e do presente. Isto é, o espaço se define como um conjunto de formas representativas de relações sociais do passado e do presente e por uma estrutura representada por relações sociais que estão acontecendo diante dos nossos olhos e que se manifestam através dos processos e função. O espaço é, então, um verdadeiro campo de forças cuja aceleração é desigual. (SANTOS, 2008, p153).

Ao longo dos anos, o Muquém sofreu um processo de urbanização em seu território. Diante dessa reorganização, ocorreu inserção de elementos urbanos como escolas, posto de saúde familiar, energia elétrica, abastecimento de água tratada e saneamento básico na parte urbanizada ofertando uma melhor qualidade de vida aos moradores da comunidade.

Economia e resistência

A organização territorial da comunidade é dividida por meio de duas associações de moradores, ambas disputam interesses que separam o Muquém em dois grupos, ocasionando disputas e atritos entre os remanescentes quilombolas. Esses conflitos são basicamente provocados pela distribuição desigual dos recursos oriundos de projetos governamentais. Observa-se a necessidade de adequação dessas associações, como por exemplo, uma junção das duas associações. As duas poderiam trabalhar juntas, atendendo as necessidades da comunidade quilombola.

A Diversidade Cultural é diversa, ou seja, não se constitui como um mosaico harmônico, mas um conjunto de opostos, divergentes e contraditórios. A Diversidade Cultural é cultural e não natural, ou seja, resulta das trocas entre sujeitos, grupos sociais e instituições a partir de suas diferenças, mas também de suas desigualdades, tensões e conflitos. (BARROS, 2008, p. 18).

Outra questão norteadora é sobre a falta de investimento e incentivos na preservação do patrimônio cultural do Muquém baseado no artesanato representado na (figura 2). Nessa perspectiva, o Muquém possui nove artesões e, apenas um recebe o mérito de cultura viva, ocasionando uma desmotivação da tradição cultural do artesanato. Os jovens da comunidade não praticam a produção de artesanato, e por desorganização interna os preços dos artesanatos são desvalorizados. Com a desvalorização do artesanato e das dificuldades de manter a agricultura os jovens tendem a buscar alternativas, como as agroindústrias e os trabalhos informais.

Observou-se a falta de maquinário e apoio técnico do governo, para melhorar a produção agrícola local.

Figura 2: Artesanato produzido na comunidade quilombola Muquém.



Fonte: autores (2017).

A desvalorização interna e a especulação externa do artesanato da comunidade tornam-se fatores de desmotivação. Em muitos casos o valor do produto dentro da comunidade Muquém são vendidos a partir de R\$ 0,50. Quando compradores de fora compram e revendem o artesanato pode chegar a um valor em torno de R\$ 150,0 a R\$ 200,0 podendo ter uma especulação de maior nível quando são revendidos no exterior. A baixa rentabilidade obtida pela produção artesanato cria uma condição de desmotivação para os atuais artesãos e para os jovens da comunidade que poderiam obter alguma renda relevante. Em virtude dos fatos mencionados, é possível compreender que existe uma necessidade de uma valorização interna da comunidade quilombola relacionada com essa cultura da produção de artesanato.

Toda produção cultural origina-se, desenvolve-se e difunde-se no campo social e econômico. Como cultura é produção específica do homem, somente no seu desenvolvimento é que ela se justificara completamente. Assim, a expressão cultural local é sinônimo de auto-realização humana no seu mundo, uma dimensão social, em determinado território, de uma realidade política e econômica. (ARAÚJO, 2000. p. 09).

Diante desse cenário, permanece uma força de resistência, fortemente contida nos artesões remanescentes como é apresentada na (figura 3) que mesmo diante da

desvalorização interna dos produtos continuam a reproduzir e divulgar a cultura quilombola de seus antepassados. Diante desse aspecto, nasce a busca incessante para a que os jovens dessa comunidade quilombola por meio do acesso ao conhecimento sobre a história e a cultura do Muquém possam fortalecer o processo de resistência dando continuidade à produção cultural de suas origens.

Figura 3: Artesãs Geneide Nunes e Benedita iniciando a produção do artesanato



Fonte: autores (2017).

Destaca-se nessa realidade, o artesão José Edson Bezerra representado na (figura 4) conhecido como historiador da comunidade Muquém, relatou que desde criança sempre se preocupou em conhecer suas origens e aprender a cultura de sua comunidade.

Figura 4: Artesão José Edson Bezerra



Fonte: autores: 2017

Essa resistência em manter a identidade, história e a cultura repassando para os jovens cria a possibilidade de manter viva as tradições culturais impulsionando a continuidade da identidade cultural dos remanescentes quilombolas confrontando com as adversidades que geram barreiras para o surgimento de novos artesões da nova geração.

A cultura do artesanato quilombola

Existe a importância na preservação do patrimônio cultural, para garantir a população da identidade cultural no lugar onde vive. Nesse sentido, um processo de resistência cultural se destaca. Segundo Demo, (1993, p. 27, 28) “A importância da cultura como patrimônio está em garantir a qualidade do futuro. Quando a identidade cultural conseguiu inspirar o desenvolvimento, fazendo-se componente de sua qualidade, preserva-se melhor do que quando se apresenta como resistência. ” Porém em contrapartida a modernização confronta a tradição.

O Muquém ao longo do tempo vai passando por transformações. A população residente pertencente à cultura negra vai dando espaço as modificações de seus costumes. Nesta perspectiva, de acordo com Demo, (1993, p. 28) “A postura modernista despreza a cultura própria, pois submete-se à vassalagem externa, preferindo crescer a sombra, a crescer com luz própria. ”. De acordo com o entrevistado, os jovens aos poucos vêm perdendo o interesse na produção do artesanato alegando não é mais rentável e não possuem incentivos, os mesmos buscam alternativas de sustento.

Diante da dinâmica cultural do Muquém, existe um desafio pertinente relacionado a essa comunidade que vai modificando aos poucos a identidade cultural de acordo com a necessidade de ter um futuro melhor, para Demo (1993, p. 27) “É oportuno lembrar a face cultural que, no fundo, conclama o mesmo desafio de um lado, nenhum futuro compensa, se não corresponder, ao mesmo tempo, ao anseio de avanço e de identidade histórica”. Discutir sobre a cultura local é descobrir como os habitantes vivia naquele espaço, buscando a própria identidade de forma diferente para obter melhor resultado de uma cultura diversificada. A cultura tem a capacidade de revelar as características de um povo e tem uma importância significativa para a preservação da identidade cultural quilombola

A cultura nordestina, mais especialmente, a cultura popular nordestina, expandiu-se influenciando em todo os meios culturais do país, seja na literatura, teatro, cinema, música, costumes etc., tendo uma considerável importância no contexto social, econômico e político brasileiro. (ARAÚJO, 2000, p. 32).

Os moradores passam por um processo dinâmico, diante dos fatores que determinam a influência de conservar o que foi construído durante longo tempo. Com baixa rentabilidade e poucos incentivos, surge à busca por alternativas de sobrevivência, com possibilidade, de perda da identidade e do abandono da cultura quilombola. Segundo Araújo (2000 P. 37, 38) “Fatores históricos, geográficos, econômico de sociais é que determinam as especificidades culturais dos habitantes de uma determinada região, mas é algo que não se pode delinear com precisão, pois é um processo dinâmico, e muitas vezes se realiza no devir”. Essas problemáticas poderiam ser solucionadas por meio de projetos que divulgassem e possibilitassem melhores condições dos artesões. A comunidade quilombola Muquém tem um grande potencial cultural. É necessário ser bem administrado para obter desenvolvimento econômico e social de boa qualidade para todos.

CONCLUSÃO

O território e a sociedade estão em constantes transformações, essas mudanças são imprescindíveis à valorização da cultura. A desigualdade se apresenta como fator predominante, pois dificulta o surgimento de novos artesões quando a produção de artesanato não se apresenta rentável provocando a busca por alternativas de sobrevivência. Em relação encolhimento do território da comunidade estudada, se deu por questões políticas e de renda, que impulsionaram uma organização desigual do território.

Os conflitos entre os quilombolas agravam os problemas, impossibilitando o desenvolvimento social e econômico. Essas problemáticas, existentes nessa comunidade, poderiam ser amenizadas por projetos de investimentos, que proporcionassem melhores condições para os artesões, valorizando a cultura quilombola. Essa intervenção como possibilidade, poderia solucionar alguns problemas socioeconômicos dos moradores dessa localidade.

Diante desse aspecto, se faz necessário uma busca incessante para a que os jovens dessa comunidade quilombola por meio do acesso ao conhecimento sobre a história e a cultura do Muquém, fortaleçam o processo de resistência dando continuidade à cultura de suas origens preservando a identidade e a história dos remanescentes quilombolas do Muquém.

REFERÊNCIAS

1. ARAÚJO, Walkiria Toledo. *Cultura local: discursos e práticas* (org.). João Pessoa: ed. universitária/ UFPB, 2000.
2. BARROS, Jose Marcio. *Diversidade Cultural: Da proteção à promoção*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
3. DEMO, Pedro. *Desafios modernos da educação*. Ed. vozes ltd.1993.
4. SANTOS, Milton. *O Espaço Dividido: Os Dois Circuitos da Economia Urbana dos Países Subdesenvolvidos*. Tradução Myrna T. Rego Viana. 2ª ed., 1 reimpr, São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 2008.
5. RIBEIRO, Ana Clara T. Território usado e humanismo concreto: o mercado socialmente necessário. In SILVA, Cátia, A et al (Orgs). *Forma em crise*. Utopias necessárias. Rio de Janeiro: Arquimedes Edições, 2005.